



INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA
CAMPUS PLANALTINA
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA

LUANA APARECIDA CIRINO DE JESUS
RUBENS MALVEZZI

**O USO POPULAR E TRADICIONAL DA *MIKANIA*
GLOMERATA SPRENG E *MIKANIA LAEVIGATA SCH.BIP.EX*
BAKER (GUACO) PELA COMUNIDADE QUE FREQUENTA O
CENTRO DE REFERÊNCIA EM PRÁTICAS INTEGRATIVAS
EM SAÚDE (CERPIS) EM PLANALTINA- DF**

Planaltina- DF
2018

LUANA APARECIDA CIRINO DE JESUS

RUBENS MALVEZZI

**O USO POPULAR E TRADICIONAL DA *MIKANIA
GLOMERATA SPRENG* E *MIKANIA LAEVIGATA SCH.BIP.EX
BAKER* (GUACO) PELA COMUNIDADE QUE FREQUENTA O
CENTRO DE REFERÊNCIA EM PRÁTICAS INTEGRATIVAS
EM SAÚDE (CERPIS) EM PLANALTINA- DF**

*Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília -
IFB, Campus Planaltina, como parte das exigências
para a obtenção do grau de Tecnólogo em
Agroecologia.*

Orientadora: Dra. Alessandra Ferreira da Silva

Planaltina- DF
2018

TERMO DE APROVAÇÃO

LUANA APARECIDA CIRINO DE JESUS

RUBENS MALVEZZI

**O USO POPULAR E TRADICIONAL DA *MIKANIA GLOMERATA SPRENG* E
MIKANIA LAEVIGATA SCH.BIP.EX BAKER (GUACO) PELA COMUNIDADE
QUE FREQUENTA O CENTRO DE REFERÊNCIA EM PRÁTICAS
INTEGRATIVAS EM SAÚDE (CERPIS) EM PLANALTINA- DF**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, aprovado como
requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em
Agroecologia do Instituto Federal de Brasília, pela seguinte
banca examinadora:

Dra. Alessandra Ferreira da Silva

Ma. Vânia Costa Pimentel

Ma. Roberta Tavares Moreira

Planaltina - DF, ____ de ____ de 20__

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a minha família, que
sempre apoiou minha formação profissional.*

Luana Aparecida Cirino de Jesus

*Dedico este trabalho primeiramente a Deus,
por ser essencial em minha vida, autor de meu
destino, meu guia, socorro presente na hora de
angústia; ao meu pai Rubens, minha mãe
Neide e aos meus irmãos.*

Rubens Malvezzi.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado força e coragem para enfrentar todos os obstáculos.

A minha mãe que é o meu exemplo de vida e a minha base de amor, razão que me faz enfrentar e superar as dificuldades, e atingir os meus objetivos. Agradeço aos meus irmãos pelo apoio quando precisei durante o curso. Aos meus tios e tias que estiveram ao meu lado em todas as etapas da minha formação.

À Rubens Malvezzi, à professora Alessandra e à Farmaceutica Isabelle pela dedicação e colaboração com o projeto. Aos meus amigos pelos momentos de estudo, descontração e ânimo.

Ao CERPIS pelo senso de cooperação, em especial aos entrevistados por sua calorosa participação e receptividade, fator essencial para a elaboração do trabalho. A todos que contribuíram direta ou indiretamente pelo tema proposto e por acreditar na realização deste trabalho.

(Luana Aparecida Cirino de Jesus)

Agradeço aos meus pais Rubens e Neide, que me deram apoio e incentivo nas horas difíceis. Sou grato também aos meus amigos, que não me deixaram ser vencido pelo cansaço. Meus agradecimentos aos irmãos, sobrinhos, tios e avós, que de alguma forma também contribuíram para que o sonho da faculdade se tornasse realidade. Agradeço também a Luana Cirino e a professora Alessandra Ferreira por estarem sempre presentes na confecção do trabalho.

(Rubens Malvezzi)

*A maior recompensa para o trabalho do
homem não é o que ele ganha com isso,
mas o que ele se torna com isso.*

John Ruskin

RESUMO

O uso de plantas medicinais pelos Centros de Medicina Alternativa é um hábito comum, que acaba relacionando o conhecimento popular com as indicações descritas nas literaturas. As pesquisas voltadas para o conhecimento popular e tradicional envolvem as questões culturais da população e as interações do homem com o meio ambiente. O objetivo deste estudo foi avaliar o conhecimento, o uso popular e tradicional da *mikania glomerata spreng* e *mikania laevigata sch.bip.ex baker* (guaco) pela comunidade que frequenta o CERPIS-DF, visando sistematizar esse saber e adquirir informações sobre o modo de utilização do guaco, através dos conhecimentos tradicionais. Os dados foram coletados através de entrevistas com 50 frequentadores. Os resultados revelam que o guaco tem uma grande aceitação pelo público e que tem uma satisfatória eficácia, quando usado para o tratamento de diversas enfermidades. O conhecimento sobre o uso do guaco como medicamento, se mostrou presente em quase 95% dos entrevistados, se destacando as mulheres, que apresentaram um domínio sobre o uso de plantas medicinais. As folhas do guaco são adquiridas no CERPIS, as quais são utilizadas basicamente na forma de chá e xarope.

Palavras-chave: Guaco, plantas medicinais, saberes tradicionais

ABSTRACT

The use of medicinal plants by Alternative Medicine Centers is a common habit, that ends up relating the popular knowledge with the indications described in the literature. Research into popular and traditional knowledge involves the cultural issues of the population and man's interactions with the environment. The objective of this study was to evaluate the knowledge, the traditional and popular use of Guaco by the community that attends CERPIS-DF, aiming at systematizing the knowledge and acquiring information on the way of using the guaco through traditional knowledge. Data were collected through interviews with 50. The results reveal that the guaco has a great acceptance by the public, and which has a satisfactory efficacy, when used for the treatment of various diseases. Knowledge about the use of guaco as a medicine, was present in almost 95% of the interviewees, highlighting women, who presented a domain on the use of medicinal plants. The guaco leaves are purchased from CERPIS, basically used in the form of tea and syrup.

Keywords: Guaco, medicinal plants, traditional knowledge.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Plasticidade fenotípica e hábito de <i>Mikania glomerata</i>	23
Figura 2: Inflorescência e detalhe capítulos de <i>Mikania glomerata</i>	23
Figura 3: Principais metabólitos secundários encontrados <i>Mikania glomerata</i>	25
Figura 4: Localização do CERPIS-DF.....	27
Figura 5: Distribuição dos entrevistados por gênero.....	29
Figura 6: Idade dos entrevistados.....	30
Figura 7: Grau de instrução.....	31
Figura 8: Local do domicílio	31
Figura 9: Tempo que os entrevistados frequentam o CERPIS.....	32
Figura 10: Forma de aquisição do conhecimento acerca do Guaco.....	33
Figura 11: Quantidade de entrevistados que sabem sobre os usos do Guaco.....	33
Figura 12: Efeito do Guaco.....	34
Figura 13: Tempo de aquisição do guaco no CERPIS.....	35
Figura 14: Entrevistados que fornecem o guaco para o CERPIS.....	35
Figura 15: Origem do Guaco.....	36
Figura 16: Preparo do guaco.....	37
Figura 17: Ingestão do guaco com outros medicamentos.....	38
Figura 18: Ingestão do guaco com outras plantas medicinais.....	39
Figura 19: Tempo de utilização do guaco.....	39
Figura 20: Transmissão do conhecimento sobre o preparo do guaco.....	40
Figura 21: Quantidade de entrevistados que possuem o Guaco em casa.....	40

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CERPIS – Centro de Referência em Práticas Integrativas de Saúde

CIAP – Centro de Internação de Adolescentes de Planaltina

EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFB – Instituto Federal de Brasília

SESC – Serviço Social do Comércio

SESI – Serviço Social da Indústria

SUS – Sistema Único de Saúde

UnB – Universidade de Brasília

UNIPAZ – Universidade Internacional da Paz

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. OBJETIVOS.....	15
2.1. Objetivo geral.....	15
2.2. Objetivos específicos.....	15
3. JUSTIFICATIVA.....	16
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
4.1. Plantas medicinais.....	17
4.2. Guaco (<i>mikania glomerata spreng.</i>)	22
5. METODOLOGIA.....	27
5.1. Tipo de pesquisa.....	27
5.2. Localização.....	27
5.3. Coleta de dados.....	27
5.4. Análise de dados.....	28
6. RESULTADO E DISCUSSÃO.....	29
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
8. REFERÊNCIAS.....	42
9. ANEXO.....	49
9.1. Questionário Guaco.....	49

1. INTRODUÇÃO

As plantas medicinais apresentam um histórico de uso antigo. Existem relatos da sua utilização até mesmo antes de Cristo. Uma das primeiras plantas medicinais usadas é certamente o *ginseng*, empregada na China pelos imperadores, seguido de aperfeiçoamentos e usos por diversas civilizações, onde a técnica vem sendo aprimorada até a nossa utilização atual (BRAGA, 2011).

Já no Brasil, as plantas medicinais foram manuseadas pelos índios em diversas ocasiões, principalmente em seus rituais de cura e adoração, quando o líder cultural da aldeia (pajé) utiliza diversas ervas para a cura de doenças (BRAGA, 2011).

As plantas medicinais têm sido cada vez mais utilizadas, pois muitas apresentam propriedades preventivas, paliativas e curativas, além de ser um tipo de prática integrativa e complementar que traz inúmeros resultados benéficos aos usuários (MORETI et al, 2017). As espécies *Mikania glomerata* e *Mikania laevigata* pertencem à família Asteraceae e são popularmente conhecidas como guaco sendo utilizadas no tratamento de enfermidades do trato respiratório, mais especificamente no relaxamento da musculatura lisa dos brônquios (CZELUSNIAK et al, 2012).

Nativo da América do Sul, o guaco vegeta espontaneamente na Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil. Sua multiplicação geralmente é feita por sementes, porém também pode ser feita por estaquia. No Brasil recomenda-se o plantio em terrenos areno-argilosos e úmidos, dada a exigência de plantas por locais para desenvolver-se como trepadeira. Seu cultivo é parecido com o do maracujá, em parreiras, depois das mudas já formadas devem ir para o local de cultivo até 6 meses de seu plantio. As folhas mais novas devem ter preferência na colheita, e podem ser colhidas o ano todo. Indica-se a utilização das folhas frescas ou secas na sombra, as quais devem ser guardadas em sacos de papel ou pano. Entre os princípios ativos do guaco, encontra-se os flavonoides, cumarina, terpenos, guacina, glicosídeos. É importante ressaltar que o uso prolongado do guaco pode causar acidentes hemorrágicos, vômitos e diarreia, então não só o guaco, como a maioria das plantas fitoterápicas devem ser utilizadas com consciência e moderação (SANTOS, 2016).

O guaco já vem sendo utilizado há décadas pelos índios brasileiros, os quais costumavam utilizá-lo para combater veneno de serpentes, daí originam-se alguns de seus nomes populares (erva-de-serpentes, cipó-catinga e erva-de-cobra). Até hoje o macerado das folhas é aplicado sobre picadas de cobras. Também existe a tradição de utilizar a folha recém extraída para repelir serpentes, isso devido ao seu aroma intenso. Já foram realizadas pesquisas científicas que comprovaram seus efeitos antitóxicos, isso devido à o glicosídeo que dá origem a cumarina, responsável por tal efeito (SILVA,2014; LEITE, 2016).

Uma das maiores fornecedoras de remédios fitoterápicos no Distrito Federal é a farmácia viva, que está articulada ao núcleo de farmácia e manipulação do Centro de Referência em Práticas Integrativas em Saúde (CERPIS). A farmácia viva tem fornecido fitoterápicos, chás medicinais, plantas medicinais e mudas às unidades básicas de saúde da Região de saúde Norte, que compreende Planaltina-DF e Sobradinho. Atende inclusive cidades do entorno. Só em 2016 foram produzidos pela farmácia viva, cerca de 25 mil Fitoterápicos e Plantas medicinais. A maior beneficiária desses medicamentos é a comunidade (BRASÍLIA, 2016).

O CERPIS foi criado em 1983 com plantio de um canteiro de ervas medicinais no terreno do Hospital Regional de Planaltina, desenvolveu-se com a ampliação dos canteiros, construção de um local próprio para atendimento médico nas áreas de homeopatia, fitoterapia, acupuntura, antroposofia e psicologia. Com o aumento do interesse da comunidade pelo tratamento com planta medicinais, foi construído um laboratório para manipulação de medicamentos fitoterápicos os quais são distribuídos gratuitamente à população conforme prescrição médica. Com o tempo o CERPIS foi conseguindo apoio da comunidade local, de entidades comunitárias e governamentais. Entre as entidades governamentais citamos o Instituto Federal de Brasília (IFB)-*Campus* Planaltina, Universidade de Brasília (UnB), Estação Ecológica das Águas Emendadas, a Escola Técnica de Saúde, a Administração Regional e as Regionais de Ensino e Cultura, a Loja Maçônica, a Associação Comercial e Industrial de Planaltina, o Centro de Internação de Adolescentes de Planaltina (CIAP), a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), o Rotary Club, a Unipaz, o SESC, o SESI, grupos artísticos locais e faz diversas parcerias com

associações e profissionais autônomos e amadores de várias áreas (CERPIS, 2009). Mantém cooperação com outras unidades do SUS e entidades afins. Com a regulamentação do modelo de Farmácia Viva pelo Ministério da Saúde (Portaria MS nº 886 de 20 de abril de 2010) o Núcleo de Farmácia de Manipulação, da Gerência do CERPIS, passou a atender essa regulamentação (GUIMARÃES, 2009).

A Farmácia Viva é um modelo de farmácia que realiza todas as etapas, desde o cultivo, a coleta, o processamento, o armazenamento de plantas medicinais, a manipulação e a dispensação de preparações magistrais, além de ministrar oficinas de plantas medicinais e fitoterápicos.

O principal objetivo deste trabalho foi avaliar o conhecimento dos frequentadores do CERPIS, em relação a utilização do Guaco como planta medicinal. Também foi analisada, a satisfação da comunidade com os benefícios oferecidos pelo CERPIS, incluindo principalmente a oferta gratuita de plantas medicinais.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar o conhecimento, o uso popular e tradicional do Guaco pela comunidade que frequenta o CERPIS-DF.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Comparar o uso popular do guaco com a indicação descrita na literatura.
- Avaliar a satisfação da comunidade sobre o tratamento com o Guaco.
- Identificar o conhecimento da comunidade acerca da utilização do guaco como ação terapêutica.
- Avaliar a influência do CERPIS –DF sobre a população, quanto ao uso do guaco.

3. JUSTIFICATIVA

O reconhecimento e o resgate da sabedoria popular sobre as plantas medicinais são fundamentais às famílias, pelo fato de ser uma fonte de cura, de prevenção de enfermidades e de promoção de saúde acessível à comunidade com baixa renda econômica.

Há a necessidade de se fazer esse estudo pela importância de se saber o conhecimento da comunidade sobre o assunto e, com isso, poder agir no futuro para uma melhor abordagem ao paciente que não conhece o Guaco e verificar o real conhecimento da comunidade que utiliza o mesmo e frequentam o CERPIS-DF. Essa proposta visa somar às atividades realizadas pela farmácia viva do CERPIS, ao desenvolver e ampliar os trabalhos educativos sobre o uso de plantas medicinais.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 PLANTAS MEDICINAIS – HISTÓRICO

As plantas medicinais apresentam diversas definições, que acabam na maioria das vezes mostrando um significado semelhante. Assim sendo, de acordo com a RDC n. 14, de 31 de março de 2010, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), planta medicinal: é “espécie vegetal, cultivada ou não, utilizada com propósitos terapêuticos”, já os medicamentos fitoterápicos são definidos como “os obtidos com emprego exclusivo de matérias- -primas ativas vegetais, cuja eficácia e segurança são validadas por meio de levantamentos etnofarmacológicos, de utilização, documentações tecnocientíficas ou evidências clínicas” (BRASIL, 2010).

A origem da utilização de plantas medicinais pelo homem surgiu provavelmente para suprir necessidades básicas, a partir de tentativa e erro, gerando a observação do efeito de cada planta sobre os variados sintomas. Como o homem primitivo dependia da natureza para sua sobrevivência, acabou fazendo uso de plantas medicinais para a cura de enfermidades. Toda a história da cura tem uma forte relação com as plantas medicinais, tendo como um dos registros mais antigos o Pen Ts’ao, de 2800 a.C, escrito pelo chinês Shen Nung, que descreve a cura de várias moléstias usando centenas de plantas medicinais (ZÉLIA, 2011).

Como já abordado, muitas civilizações tem o histórico da utilização de ervas e outros vegetais, como forma de medicamento, em seus registros e manuscritos. Cerca de 2.600 a.C os babilônios e sumerianos usavam, em seus remédios: frutos, folhas, flores, cascas e raízes de lótus, oliveira e alho. Um importante registro histórico da utilização de plantas para tratamento de enfermidade é a “Tabuinha sumeriana”, uma coleção de textos médicos em tabletas de argila, que contém registros dos primeiros sintomas de doenças, além da prescrição para cada enfermidade, sendo considerada o mais antigo tratado de medicina (Miguel & Miguel, 1999).

Outra importante civilização para o crescimento do uso de plantas como remédios, foi a egípcia. No século XIX, o egiptólogo alemão Yorg Ebers, depois

de ter acesso a um papiro datado de aproximadamente 1.500 a.C., conhecido como “Papiro de Ebers”, reconheceu depois de traduzido, que o documento se tornaria uma fonte fundamenta para a cultura médica. O livro começa falando da produção de remédios para todas as partes do corpo humano, contendo descrições de espécies vegetais e orientando para que serve cada uma delas. Faz referência a Mirra, como anti-inflamatório, e a diversas outras plantas para os mais variados sintomas (ZÉLIA, 2011).

Durante todo esse período, novas tecnologias foram sendo inventadas para um melhor aproveitamento das plantas medicinais, até que, no ano de 400 a.C., um dos primeiros livros sobre ervas medicinais sintetizou os conhecimentos adquiridos até aquele momento, o livro escrito por Diocles trouxe inúmeros relatos positivos para a medicina na época. Tempos depois o denominado “Pai da Medicina”, Hipócrates, acabou idealizando sua obra “*Corpos Hipocratium*”, onde fez uma relação entre cada doença e seu respectivo remédio vegetal, juntamente com o tratamento (MORAIS, 2011).

Já com o surgimento do cristianismo, uma contribuição significativa foi deixada por Pelácio, médico de Nero, importante imperador romano. Pelácio desenvolveu estudos de mais de 500 espécies de plantas medicinais. Logo depois, com o fortalecimento da igreja católica, as pesquisas já feitas sobre as plantas medicinais acabaram caindo no esquecimento por um certo tempo, pois a igreja católica tinha ideias contrárias ao desenvolvimento científico (MORAIS, 2011).

Essa intensa estagnação das terapêuticas foi compensada mais tarde pelos árabes. Depois da dominação do comércio no oceano Índico pelos mesmos no século VIII, acabaram tendo conhecimento e acesso a diversas plantas da África e da Índia, tais como a cânfora, o sândalo, a noz moscada, o cravinho e diversas outras. Como destaque no século XIII, o árabe Ibn Al Baitar, de granada, que chegou a desenvolver em sua enciclopédia médico-botânica “*Corpus simplicium medicamentarium*” mais de 2000 produtos, tendo como de origem vegetal, aproximadamente 1700 (PROENÇA, 2013).

Já em 1542, uma lista foi desenvolvida com mais de 300 espécies de plantas medicinais na Alemanha, se tornando a primeira farmacopeia. A primeira cátedra de botânica foi elaborada em 1533, na Escola de Medicina de Pádua, favorecendo a difusão da publicação de herbários e a ascensão da

fitoterapia (MORAIS, 2011).

No final do século XVIII, Samuel Hahnemann trouxe ao público sua teoria sobre homeopatia, que a partir de pequenas quantidades de plantas era possível fazer o tratamento das mais variadas enfermidades. Até essa época o uso de plantas medicinais era frequente entre as comunidades, porém, no século XIX o uso das ervas foi ficando cada vez mais restrito, abrindo espaço para os medicamentos oriundos de processos industriais. Contudo, livros sobre medicinais não pararam de ser produzidos. Como exemplo um livro publicado por Millspaugh, que retratava o cultivo de plantas europeias na América (JORGE, 2003).

Durante a primeira e a segunda guerra mundial, o uso das plantas medicinais teve um grande crescimento, isso devido à grande necessidade de obter soluções para diversos tipos de lesões e enfermidades, visto que, o foco dos países envolvidos nas guerras era principalmente na produção de material bélico. Entre as guerras, surgiu um tratado da inglesa M. Gneve, “Um Herbário Moderno”, que além de tratar das propriedades medicinais dos fitoterápicos, também abordava o cultivo, culinária, fins econômicos e modo de uso (JORGE, 2003).

Na atualidade, as plantas medicinais são geralmente comercializadas em lojas de produtos naturais e em feiras livres. Na maioria dos casos, esse tipo de medicina alternativa não tem certificação de qualidade, além de serem produzidas através de plantas cultivadas, o que acaba diferenciando da medicina tradicional, que geralmente faz uso de plantas nativas. Nos países mais desenvolvidos e em desenvolvimento, a utilização de plantas medicinais vem sendo cada vez mais pautada na mídia, muitas vezes afirmando que produtos naturais acabam garantindo saúde e vida longa (PINTO & MACIEL, 2005).

Como já abordado, as plantas medicinais apresentam um vasto histórico de uso e recomendações de vários autores. Mas vale salientar, que, apesar da sua importância na cura de enfermidades, o uso excessivo de certas plantas pode trazer resultados indesejados. É por isso que, ao longo dos anos, diversas formas de preparo foram documentadas. Segundo Gaspar (2009), o preparo de plantas medicinais pode ser feito de várias formas:

- Cataplasmas (preparação de uma espécie de pomada para uso externo,

de uso tópico);

- Decocção (fervura para dissolução das substâncias através de ação prolongada da água ou calor);
- Inalação (combinação de vapor d'água com substâncias voláteis das plantas aromáticas);
- Infusão (modo tradicional de preparação dos chás);
- Maceração (a substância vegetal fica em contato com álcool, óleo, água ou outro líquido para dissolver o princípio ativo);
- Sumos ou sucos (espremidos em pano, triturados em liquidificador ou pilão, podendo ser adicionada água ou não);
- Vinhos medicinais (preparações para dissolver as substâncias vegetais em vinho puro);
- Poções (soluções onde são agregados xaropes, tinturas, extratos ou outros ingredientes);
- Torrefação (utilizando-se o fogo para retirar a água e modificar algumas propriedades da planta);
- Unguento e pomadas (preparado através da mistura do suco, tintura ou chá da planta medicinal com vaselina ou lanolina).
- Xarope (preparações dissolvendo-se a substância da planta em açúcar e água aquecidos, obtendo-se o ponto de fio).

Em se tratando do uso das plantas medicinais no Brasil, quem acabou fazendo um grande trabalho de pesquisa foi Gabriel Soares de Souza. Em seu livro “O Tratado Descritivo do Brasil”, ele aborda muitos temas, como topografia, agricultura, entomologia, entre outros. Gabriel acaba destacando o uso das plantas pelos índios, que por sua vez, faziam e fazem uso de diversas plantas medicinais, como por exemplo: embaúba, mucuná, maracujá, jaborandi, caapeba, e diversas outras, todas para a cura de feridas; já para febre e dores, os índios utilizavam o caju; a corneiba, apresentava efeitos positivos para os dentes. Esses são alguns dos vários exemplos que Gabriel descreveu sobre a grande capacidade dos índios de solucionar seus problemas de saúde (ALVEZ, 2013).

No Brasil, os registros de plantas medicinais ocorrem desde a colonização, quando Pero Vaz de Caminha relata, por meio de carta ao rei de Portugal, uma vasta abundância de flora. E com isso, dada a importância da descoberta,

Portugal restringe os estudos sobre a biodiversidade brasileira apenas para os portugueses, e essa situação foi prolongada durante três séculos. Dezenas de naturalistas estrangeiros estiveram no Brasil para a realização de estudos, os mesmos são amplamente evidenciados pelo escritor Mello Leitão, em 1937, no seu livro “A Biologia no Brasil” Nele o escritor relata as especializações de cada naturalista, o que foi pesquisado, e as primeiras instituições destinadas para o estudo da biodiversidade (ALVEZ, 2013).

Atualmente no Brasil, a busca pelo tratamento com plantas medicinais apresenta um grande crescimento, entre 2013 e 2015, a procura por medicamentos fitoterápicos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), mais que dobrou, apresentando um crescimento de 161%, segundo o Ministério da Saúde. Para atender essa grande demanda, existem mais de 3200 estabelecimentos que oferecem medicamentos alternativos no Brasil. Uma grande parte da população não apresenta receio para adquiri-los, pois em vários casos já despunham de um conhecimento sobre a planta, oriundo de saberes tradicionais, que geralmente são transmitidos através dos avós e pais (FIUZA, 2016).

Apesar do crescente aumento de consumo, os medicamentos fitoterápicos estão sendo colocados em segundo plano, visto por muitos como algo relacionado a crenças e sem embasamento científico. Isso devido a indústria farmacêutica ter um poder de mercado que sufoca a comercialização de produtos naturais. Contudo, muitos estudos relacionados a plantas medicinais estão sendo retomados, isso vem acontecendo, pois, os medicamentos convencionais apresentam um alto custo e ocasionam diversos efeitos colaterais (TEIXEIRA, et al., 2012).

Com base nas definições, é possível observar como as plantas medicinais tem uma relação quase que definitiva com os medicamentos fitoterápicos, que com uma grande diversidade de flora como a existente no Brasil, é possível desenvolver diversos medicamentos fitoterápicos, resultado do aproveitamento de princípios ativos encontrados nas mais variadas plantas medicinais. Também é fato que, de acordo com os vários autores citados, o uso tradicional das plantas, resultam em diversas pesquisas científicas que comprovam a eficácia do seu tratamento.

4.2 GUACO (*MIKANIA GLOMERATA SPRENG.*)

Compreendendo cerca de 1500 gêneros, a família Asteraceae dispõe de 23000 espécies, onde podemos destacar o gênero *Mikania*, que engloba 430 espécies, localizadas principalmente em regiões neotropicais. No Brasil, o gênero tem 171 espécies, sendo o Guaco (*Mikania glomerata Spreng.*), uma das mais utilizadas como planta medicinal, que é amplamente conhecido tanto pela comunidade científica, quanto pela tradicional e popular (GASPARETTO *et al.*, 2010).

Muito semelhante com a *Mikania glomerata Spreng.* se encontra a *M. laevigata Sch. Bip. Ex Baker*, ambas são facilmente confundidas, isso ocorre pois são encontradas praticamente no mesmo local (floresta atlântica). Além disso, apresentam características químicas, morfológicas e organolépticas parecidas. Para diferencia-las, existe a importância da comparação de estudos farmacológicos, toxicológicos, químicos, morfoanatômicos e genéticos. Essas comparações são essenciais, pois muitas vezes as duas espécies são comercializadas de forma equivocada (GASPARETTO *et al.*, 2010).

Se tratando das características do Guaco: é uma planta perene, trepadeira, com caule volúvel; seus ramos são lenhosos, cilíndricos, castanhos e glabros, fatores que geralmente são confundidos entre algumas espécies de *Mikania*. As folhas são opostas, glabras, pecioladas, membranáceas, de margem lisa, e verde; as flores são brancacentas e fruto tipo aquênio; inflorescência em capítulos sésseis, reunidos em glomérulos globosos ou oblongos, no ápice dos ramos. A *Mikania glomerata Spreng.*, é popularmente conhecida como guaco, cipó-catínga, erva-de-cobra, erva-cobre, erva-de-sapo, erva-das-serpentes e erva-dutra (Figuras 1 e 2) (RADÜNZ *et al.*, 2014).

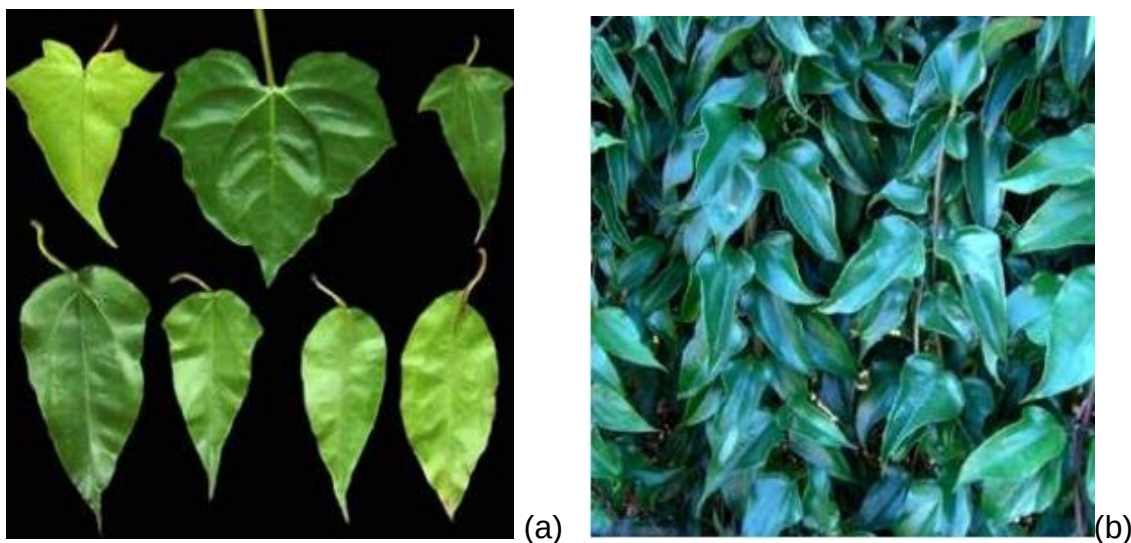


Figura 1. Pasticidade fenotípa (a) e hábito (b) de *Mikania glomerata* (Adaptado de SILVA JÚNIOR *et al.*, 2015).



Figura 2. Inflorescência e detalhe capítulos de *Mikania glomerata* (Fonte: SILVA JÚNIOR *et al.*, 2015).

O guaco apresenta várias propriedades medicinais, que são expectorantes e broncodilatadoras, sendo especialmente usado para o combate de tosse, asma, bronquites e ronquidão, além de diversos problemas do aparelho respiratório. Os índios usavam o guaco como antídoto para veneno de cobra e escorpiões, surgindo assim um de seus nomes populares, “erva-de-cobra”. Um fato importante, estudado pela pesquisadora Vera Lúcia Garcia Rehder em 1998, são os efeitos positivos do guaco contra câncer, úlcera e infecção por microrganismos, além da prevenção da cárie e placa bacteriana (MURILHO *et al.*, 2009).

Devido ao grande interesse nas qualidades medicinais do guaco, a planta foi inserida na Relação de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS), tanto a *Mikania glomerata* Spreng., quanto a *Mikania laevigata* Schutz Bip. ex Baker são espécies vegetais indicadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), tornando-as plantas medicinais propícias para a geração de produtos com grande expectativa de avanço na cadeia produtiva (RENISUS, 2009).

A demanda pelas plantas medicinais vem apresentando um grande crescimento e, geralmente é suprida pelo extrativismo. O guaco não escapa dessa prática, sendo que sua variabilidade genética é cada vez mais prejudicada, devido à grande exploração dos ecossistemas, nos quais a espécie está inserida. A preservação e conservação das plantas medicinais, se tornam cada vez mais necessárias, não só para garantir um material genético com características distintas, mas também para assegurar sua sobrevivência em seu devido ecossistema natural (MARTINS & OLIVEIRA, 2004).

O extrativismo pode se tornar algo prejudicial ao meio ambiente quando feito de forma inadequada. Porém, para solucionar esse problema, existem muitos lugares que cultivam o guaco, um grande exemplo é o Estado do Paraná, que cresce gradativamente na produção de plantas medicinais, se tornando um dos maiores do Brasil. Na região Sul do Estado, depois de análises de comercialização do guaco, foi possível visualizar que o cultivo obteve lucro superior a 40 vezes, comparado com um sistema de extrativismo. Além do mais, essa prática propicia um alcance da padronização de ramos e folhas, devido ao ambiente controlado, de acordo com os fatores de produção, garantindo assim, uma melhor qualidade do produto (MATSUSHITA *et al*, 2015).

Com relação a composição química a *Mikania glomerata* apresenta a cumarina, o ácido α -isobutiriloxi-caur-16-en19-oico e lupeol. É possível encontrar também óleos essenciais, como o sesquiterpenos e diterpenos de tipo caurano, e.g. ácidos caurenico, grandiflórico, cinamoilgrandiflórico e caurenol. Já a respeito dos metabólicos secundários, também encontrados na *Mikania glomerata*, encontram-se o β - sitostero, friedelina, estigmasterol, taninos hidrolisáveis, flavonoides e saponina (Figura 3) (SANTOS, 2005).

A cumarina é uma das principais encarregadas dos benefícios medicinais, sendo que, já foram descobertas cerca de 1300 cumarinas em plantas medicinais, bactérias e fungos, sendo encontradas principalmente nas famílias

Asteraceae, Fabaceae, Oleaceae, Moraceae, Thymeleaceae, Apiaceae e Rutaceae. No guaco, o aroma exalado das folhas é usado como controle de qualidade na produção, sendo esse aroma advindo da cumarina. Assim como a cumarina, o ácido caurenóico, que é encontrado em diversas espécies do gênero *Mikania*, apresenta também, significativas ações biológicas (SANTOS, 2005).

A formação das cumarinas se deve da derivação do ácido chiquímico, que é formado pela condensação de metabólitos da glicose. Quando a molécula de fosfoenolpiruvato e eitreose-4-fosfato (metabólitos da glicose), se juntam com o ácido chiquímico, dão origem ao ácido corísmico. A partir desse ácido, existe a formação de aminoácidos aromáticos, que dentre eles existe a fenilalanina que dá origem ao ácido cinâmico, que por sua vez origina o ácido o-cumárico. Em seguida o ácido o-cumárico sofre glicosilação e isomerização, que se torna fundamental para o processo de lactonização e formação da cumarina (DEWICK, 2002).

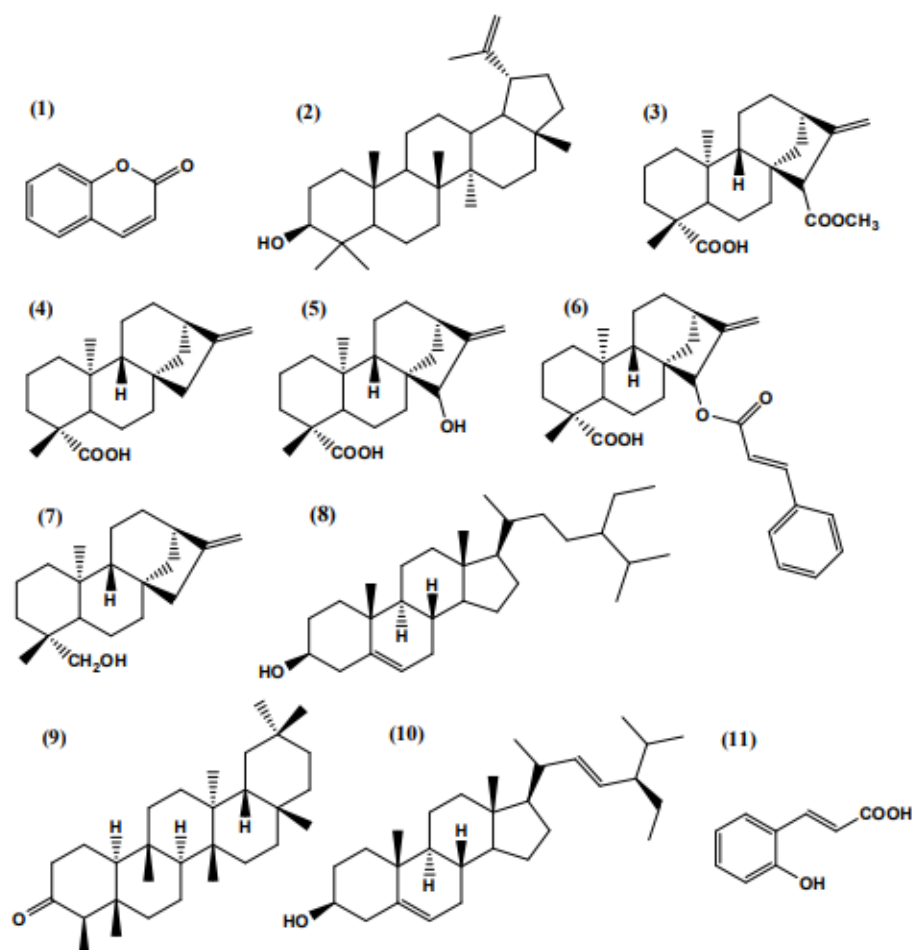


Figura 3. Principais metabólitos secundários encontrados em *Mikania glomerata*: cumarina (1), lepeol (2), ácido α -isobutiriloxi-caur-16-en-19-oico (3),

ácidos diterpênicos (4), caurenoico (5), grandiflóricos (6), cinamoilgrandiflórico (7), caurenol (8), β -sitosterol (9), friedelina (10) e estigmasterol (11), (adaptado de SANTOS, 2005).

O guaco além de ser usado como fitoterápico, também é utilizado como corretivo de sabor e odor no preparo de licores, balas e pirulitos, isso por apresentar um cheiro similar à baunilha, tornando-o extremamente agradável. Já externamente, é usado como tintura e sabão medicinal, sendo essas duas formas de utilização aplicadas sob fricções, em casos de dores nevralgias e de reumatismos, assim como na forma de banhos no tratamento de eczema pruriginoso e como anti-séptico (AMARAL *et al*, 2009).

Relacionado à utilização medicinal do guaco, tradicionalmente os modos de preparo mais utilizados são o xarope e o chá. Sendo muito popular e de fácil preparação, o xarope do guaco é um fitoterápico aceito por duas gerações distintas: a terceira idade, devido aos efeitos balsâmicos da tosse e como expectorante, e pelas crianças, pois o sabor e aroma são de fácil agrado. Em ambas as gerações tem-se a redução dos sintomas em um curto período de tempo. Sendo um fitoterápico de efeito relativamente rápido, sabor agradável e custo baixo (muitas vezes obtido gratuitamente), as comunidades tradicionais e populares costumam obtê-lo e utilizá-lo de forma frequente (AMARAL *et al*, 2009).

Segundo os autores citados, as plantas medicinais apresentam uma grande importância para as comunidades tradicionais e populares, isso ocorre pois geralmente o conhecimento sobre esse tipo de medicina alternativa é transmitido entre as gerações, além de apresentarem um custo muito baixo em relação aos medicamentos industrializados. O guaco aparece nesse cenário, solucionando diversos problemas decorrentes do aparelho respiratório, além de ter uma grande participação na renda de famílias que o cultivam.

5. METODOLOGIA

5.1 TIPO DE PESQUISA

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa descritiva e quantitativa por distribuição de frequências.

5.2 LOCALIZAÇÃO

A localização geográfica de Planaltina-DF e do Centro de Referências em Práticas Integrativas em Saúde (CERPIS), estão evidenciadas na figura 4. O CERPIS se localiza ao lado do hospital de Planaltina-DF.



Figura 4. Localização do Centro de Referências em Práticas Integrativas em Saúde e Planaltina, DF (Fonte: Google Maps, 2018).

5.3 COLETA DE DADOS

Foram realizadas visitas para reconhecimento do local e discussão das etapas do projeto com os profissionais responsáveis pelo CERPIS. Todos os responsáveis concordaram na realização do projeto, e com sugestões, foi acordada a aplicação de um questionário, destinado para o público do CERPIS que utiliza o Guaco como planta medicinal.

Foram realizadas 7 visitas ao CERPIS, entre os dias 22 de março a 3 de maio, todas feitas as quintas-feiras, onde havia um público maior, devido as oficinas de automassagem.

Foram aplicados 50 questionários, que serviram de base para realização das entrevistas. Todos os questionários foram realizados de acordo com a

responsabilidade de cada pessoa, sendo informado sobre o objetivo do trabalho, garantindo o anonimato e sigilo do entrevistado. A duração média de cada entrevista foi de 25 minutos, que dependia do conhecimento do entrevistado ou do interesse do mesmo ao assunto abordado. Algumas pessoas estendiam a entrevista e comentavam assuntos semelhantes aos abordados, além de estenderem a conversa a diversos outros assuntos, fator crucial no desenrolar do projeto, pois, possibilitou um maior entendimento do funcionamento do CERPIS.

A metodologia utilizada para coleta de dados foram: entrevistas utilizando os questionários, com perguntas abertas e fechadas; participação em oficinas ministradas pelos profissionais da unidade; e coleta de informações do banco de dados do CERPIS, relatando a quantidade de pessoas que o frequentaram durante o ano.

Para o preenchimento do questionário foram utilizadas 21 perguntas, nas quais, foram abordadas, a data de nascimento, grau de instrução, gênero, tempo estimado de frequência ao CERPIS, conhecimento acerca do Guaco, local de obtenção, tempo que utiliza, modo de preparo, uso da planta medicinal com concomitância com outra substância e local que reside.

A entrevista com a comunidade, foi feita de modo espontâneo, com intuito de conhecer melhor as pessoas que utilizam o Guaco para fins medicinais. A utilização dessa metodologia serviu para reunir novos conhecimentos, e complementar as informações.

A participação das oficinas surgiu de forma inesperada, com convites feitos pela própria administração do local, o que permitiu uma maior interação com toda a comunidade. Partindo das conversas com os funcionários, foi possível dimensionar a quantidade de pessoas envolvidas em cada oficina e, estimar uma média de público frequente no ano.

5.4 ANALISE DE DADOS

Para análise dos dados obtidos e confecção dos gráficos apresentados, foi utilizado o software Excel. O Excel é um software desenvolvido pela Microsoft, amplamente usado por empresas e particulares para realização de operações financeiras e contábilísticas, utilizando planilhas eletrônicas (PACIEVITCH, 2006).

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas no CERPIS foram realizadas entre os dias 22 de março e 3 de maio, por meio de questionário. 95 % dos entrevistados afirmaram fazer uso do Guaco como planta medicinal, porém 100% afirmou fazer uso de algum tipo de fitoterápico, conforme diversos trabalhos realizados em Centros de Tratamento Alternativo.

Dos 50 entrevistados no CERPIS, 45 são do gênero feminino, e 5 são do gênero masculino (Figura 5). Essa grande diferença entre a quantidade do gênero masculino e feminino está relacionada a desenvoltura das mulheres para lidar com o tema em relação com os homens. Muitos estudos, mostram que a quantidade dos entrevistados do gênero feminino é maior que do gênero masculino. Segundo Amorozo e Gély (1988), as mulheres detêm um conhecimento mais aprofundado das espécies medicinais que ficam próximas da residência.

Com um olhar histórico, percebe-se que as mulheres detinham certo poder, na arte de cura e construção de conhecimentos a partir de recursos vegetais, incluindo as plantas medicinais (CHECHETTO, 2013).

Segundo Petermann *et al* (2015) as mulheres apresentam uma maior preocupação em relação à saúde, o que faz que busquem assistência aos serviços de saúde, tendo um maior autocuidado quando comparadas aos homens.

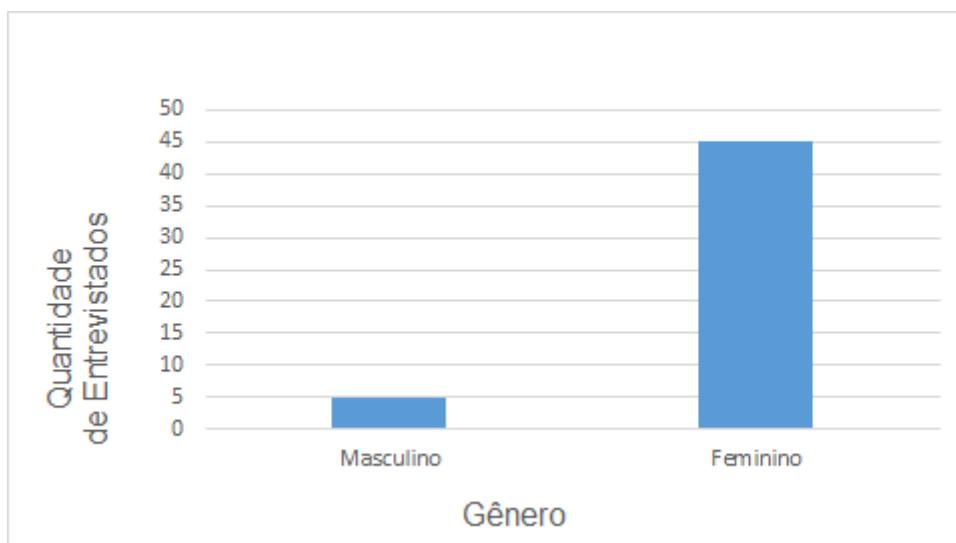


Figura 5. Distribuição dos entrevistados por gênero.

Em relação à idade, a maior parte dos entrevistados possui entre 41 e 60 anos (Figura 6). A grande ocorrência de uma idade superior a 40 anos, foi devido

ao fato da grande maioria dos entrevistados serem frequentadores da oficina de automassagem, que geralmente são pessoas com idade acima dos 50 anos, em busca da saúde física e mental.

A média de idade dos pacientes deste estudo foi de 59,8 anos, resultado esperado, já que existe relação entre o envelhecimento da população com o surgimento de doenças e, com a procura por tratamentos alternativos, sendo mais prevalente entre pessoas acima de 40 anos. (ROCHA; SAN JUAN, 2009).

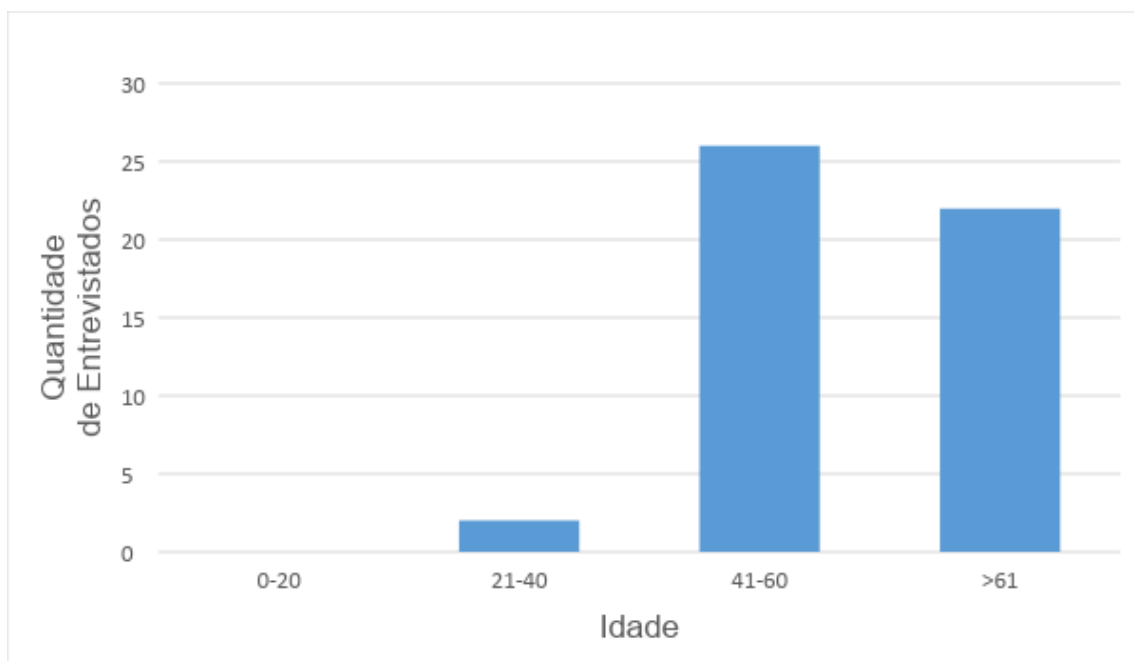


Figura 6. Idade dos entrevistados.

Já em relação ao grau de instrução dos entrevistados, a grande maioria, apresentou baixa escolaridade (Figura 7). Muitos trabalhos, como o de Bieski (2010), demonstram que o grau de instrução está inversamente associado ao uso das plantas medicinais, ou seja, a população de baixo nível escolar é a que mais utiliza a medicina tradicional e alternativa.

Apesar da grande quantidade de pessoas com ensino fundamental incompleto, 16% dos entrevistados concluíram o ensino superior, dado importante se comparado com o percentual de brasileiros formados, que segundo o IBGE (2010) é de 8%, ou melhor, o percentual de entrevistados com ensino superior completo, é o dobro comparado com o índice nacional.

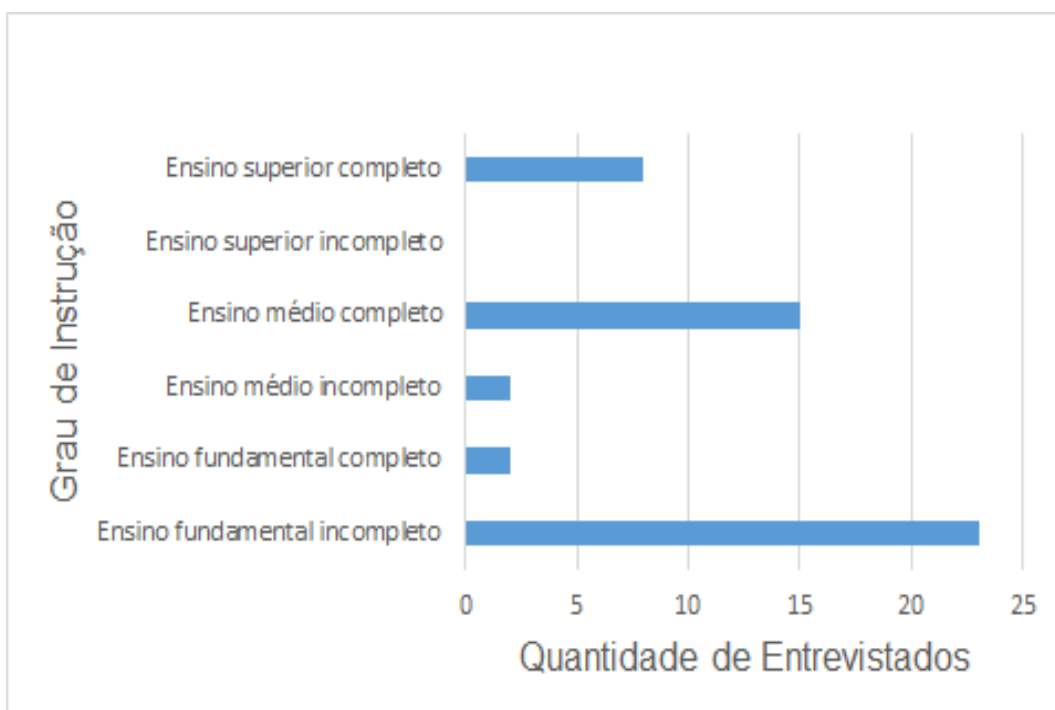


Figura 7. Grau de instrução.

Relacionado a localidade da moradia dos entrevistados, 98% mora em Planaltina-DF (Figura 8), e, apenas 1 dos entrevistados tem a necessidade de percorrer uma grande distância para o CERPIS. Com base nas conversas com a comunidade, o fator da distância é significativo para a constante presença nas oficinas oferecidas pelo CERPIS.

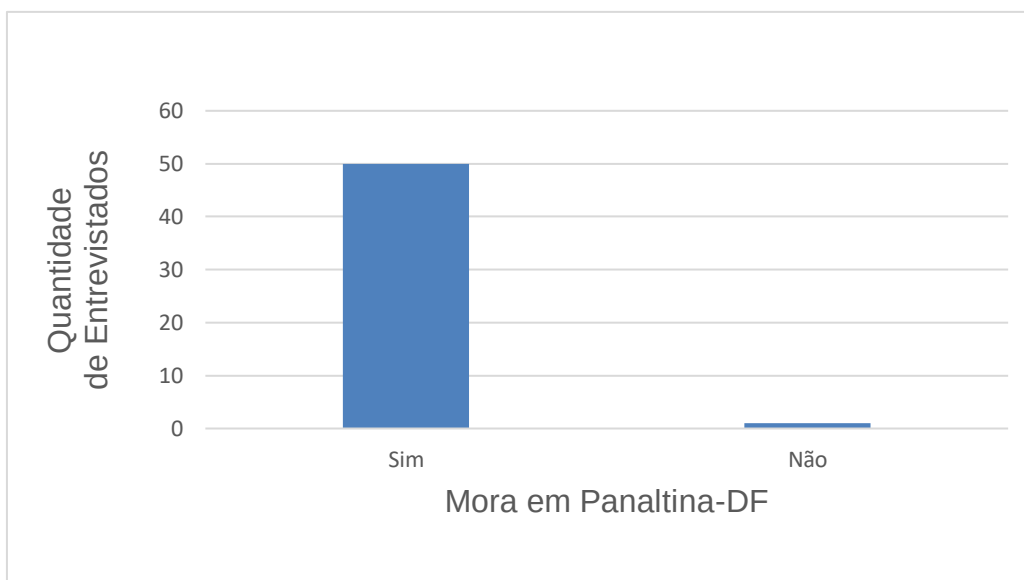


Figura 8. Local do domicílio.

A grande maioria dos entrevistados, (24 pessoas), afirma frequentar o CERPIS a mais de quatro anos (figura 9). Apesar disso, cerca de 12 entrevistados frequentam a menos de um ano, ou seja, a porcentagem de novos

membros é relativamente alta.

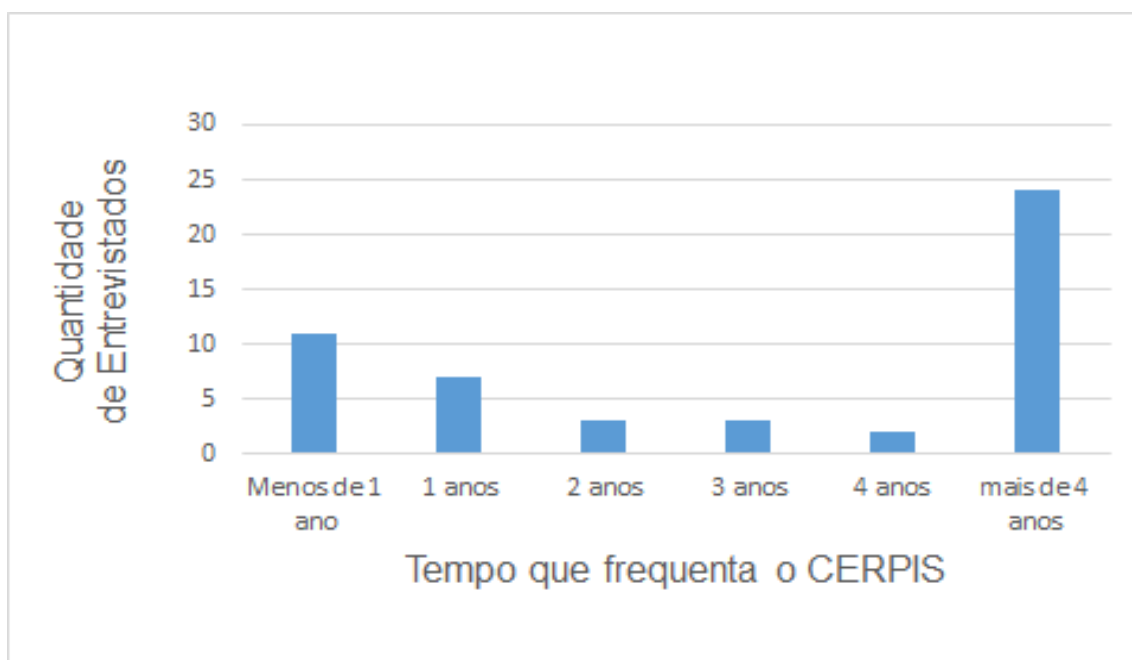


Figura 9. Tempo que os entrevistados frequentam o CERPIS.

56% dos entrevistados adquiriram o conhecimento sobre o Guaco no próprio CERPIS (Figura 10), demonstrando a grande importância de Centros de Medicina Alternativa. Cerca de 34% adquiriu com os familiares, ressaltando que mesmo em um ambiente urbano, existe uma grande incidência de pessoas que carregam em seu conhecimento, lembranças dos ensinamentos dos pais e avós sobre o uso de plantas medicinais. Apenas 8% respondeu “outros”, a resposta esta relacionada com a aquisição do conhecimento com amigos. Um dado interessante é que nenhum dos entrevistados conheceu o Guaco na faculdade ou na escola, enfatizando a importância das instituições de ensino, em abordarem o assunto, mesmo que seja de forma superficial.

Segundo Amorozo (2000) as investigações botânicas mais aprofundadas sobre o uso e o conhecimento de plantas medicinais acabam contribuindo para um melhor entendimento do processo de aquisição do conhecimento em uma determinada comunidade.

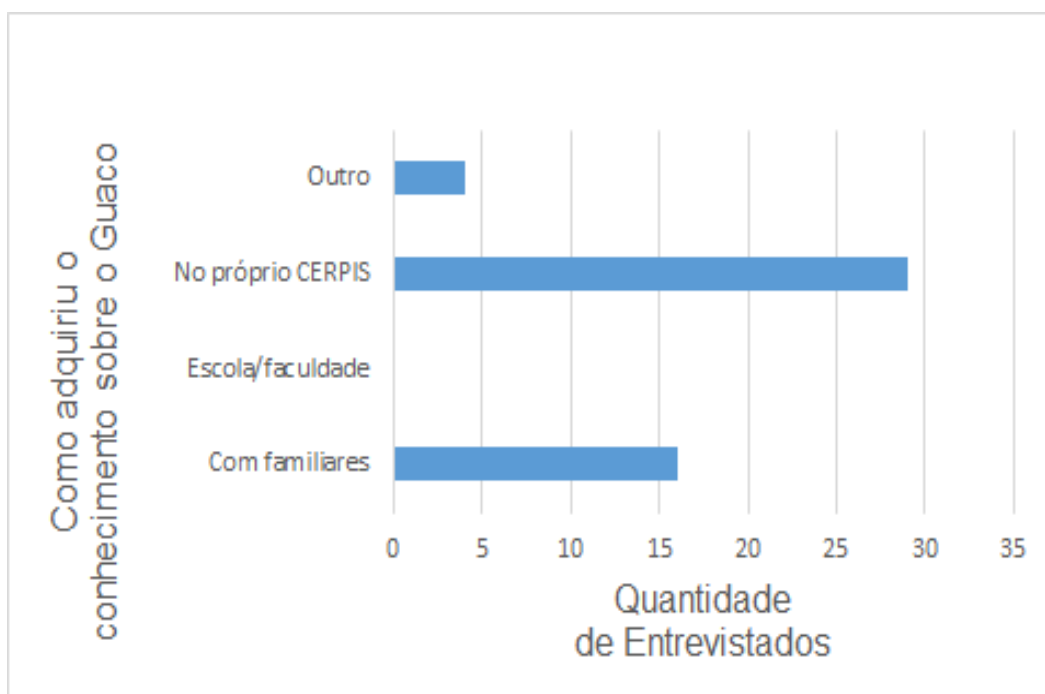


Figura 10. Forma de aquisição do conhecimento acerca do Guaco.

Todos os entrevistados que responderam se conheciam o Guaco, também sabiam para que serve (Figura 11). Esse saber, deriva de um conhecimento empírico, passado através das gerações, que é oriundo das tradições culturais de muitas famílias (LORENZI et al., 2002).

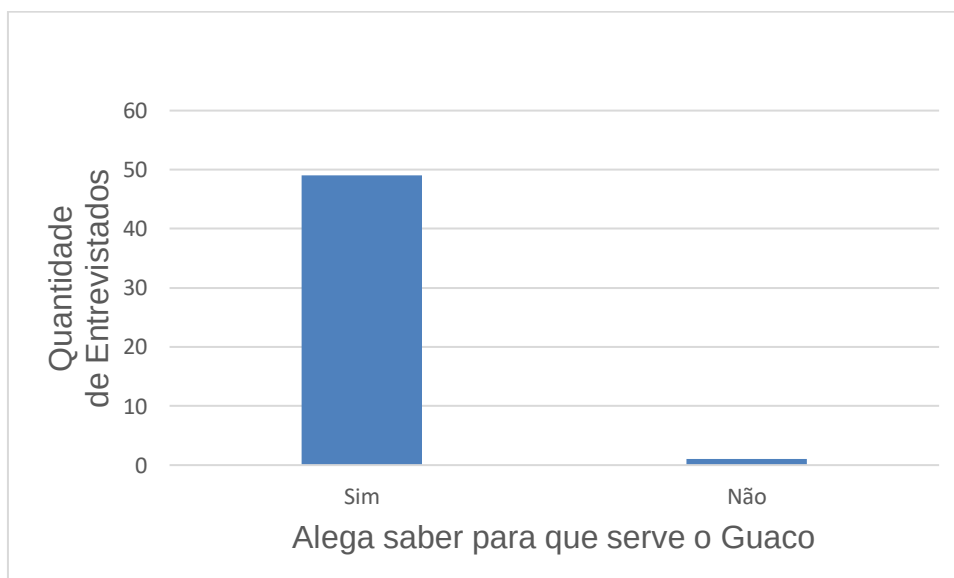


Figura 11. Quantidade de entrevistados que sabem sobre os usos do Guaco.

Entre os 50 entrevistados, apenas 3 responderam que não fazem uso do Guaco como planta medicinal, apesar de conhecerem a planta (Figura 12). Para cada um que respondeu que faz uso do Guaco, foi questionado para que é usado, a grande maioria respondeu que faz o uso para a cura de resfriados,

tosses, dor de garganta, gripes em geral.

Muitos dos entrevistados fazem o tratamento com o Guaco para a cura de doenças e sintomas relacionados ao aparelho respiratório, sendo que essa prática se perpetuou na história da civilização humana e chegou até os dias atuais, utilizada por uma grande parte da população mundial, como uma eficaz fonte terapêutica (QUEIROZ, 1986).

Apesar do uso do Guaco de acordo com o conhecimento popular e tradicional, as suas propriedades terapêuticas possuem embasamento científico. As folhas do Guaco apresentam propriedades que incluem ação tônica, depurativa, antipirética e broncodilatadora, sendo que essas ações já foram comprovadas (LORENZI & MATOS, 2008).

Em se tratando da eficácia do tratamento com Guaco, 88% das pessoas entrevistadas responderam que sempre tem efeito positivo, confirmando assim, a importância do fornecimento desse espécie pelo SUS. É interessante ressaltar que todos fazem uso como primeira alternativa do tratamento medicinal, para a cura de enfermidades mais comuns, fazendo o uso de medicamentos industrializados, apenas se o medicinal não apresentar efeito (SANTOS & ROSITO, 2012).

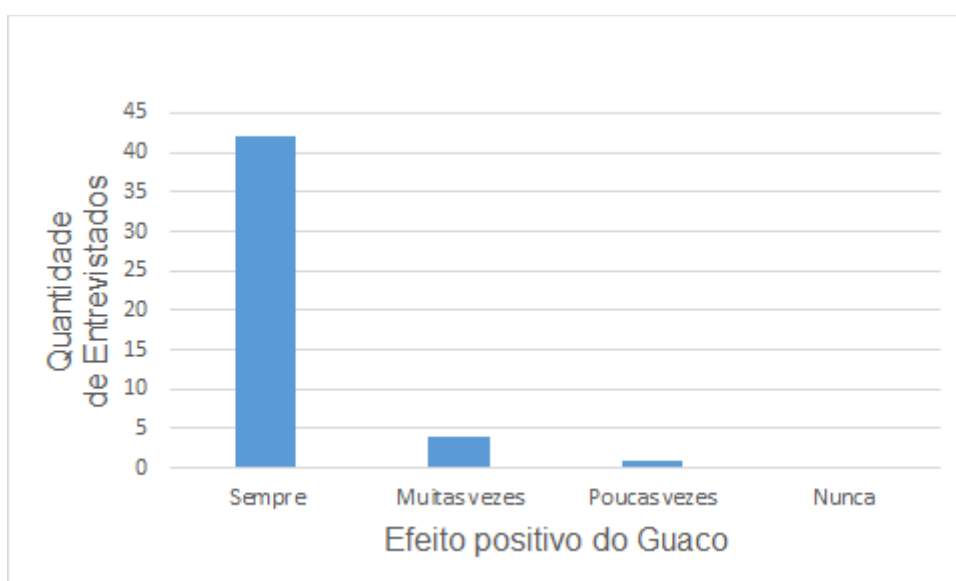


Figura 12. Efeito do Guaco.

A maioria dos entrevistados adquire o Guaco no CERPIS há mais de 4 anos (Figura 13). Alguns não responderam, pois, adquirem de outros meios, ou não fazem o uso da planta.

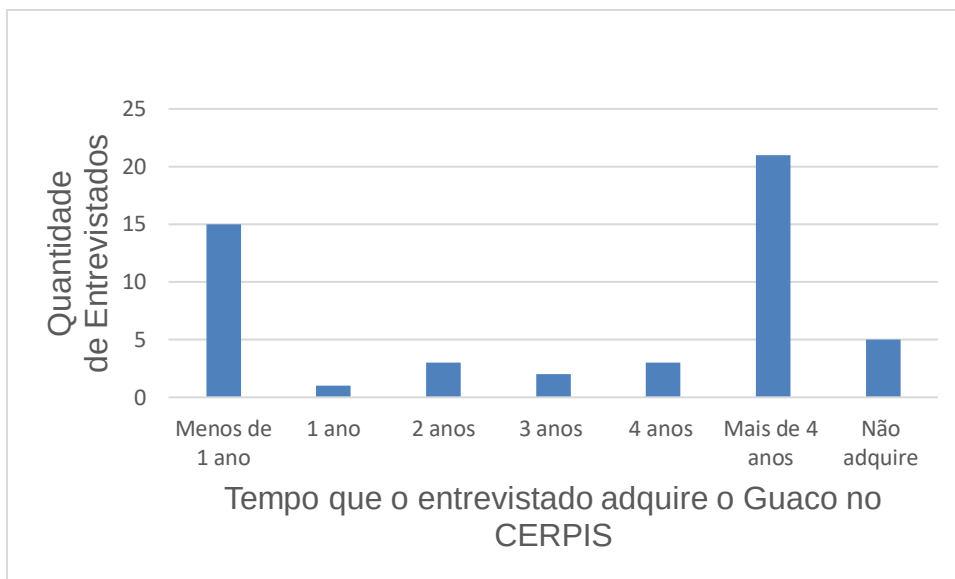


Figura 13. Tempo de aquisição do guaco no CERPIS.

Apenas 2 entrevistados responderam que fornecem o guaco para o CERPIS (Figura 14). Os entrevistados não souberam responder se a espécie fornecida era *Mikania glomerata* Spreng ou *M. laevigata* Sch. Bip. Ex Baker.

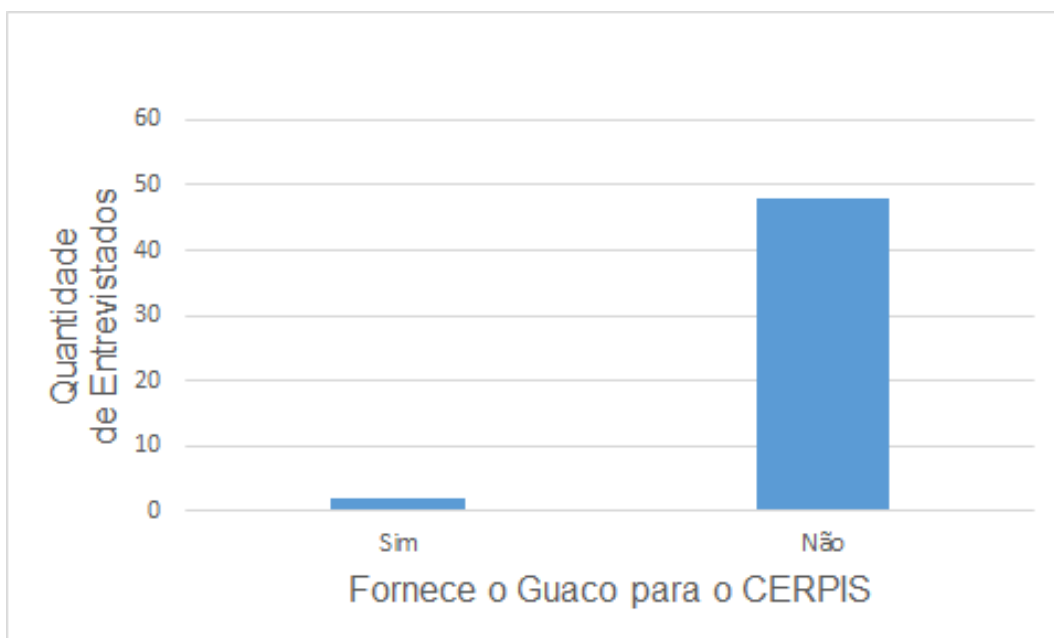


Figura 14. Entrevistados que fornecem o guaco para o CERPIS.

Cerca de 85% dos entrevistados adquirem o guaco no CERPIS, os outros 15% ou adquirem na própria casa, ou com a família e amigos (Figura 15). Outras 3 pessoas não responderam, por não fazerem uso do guaco.

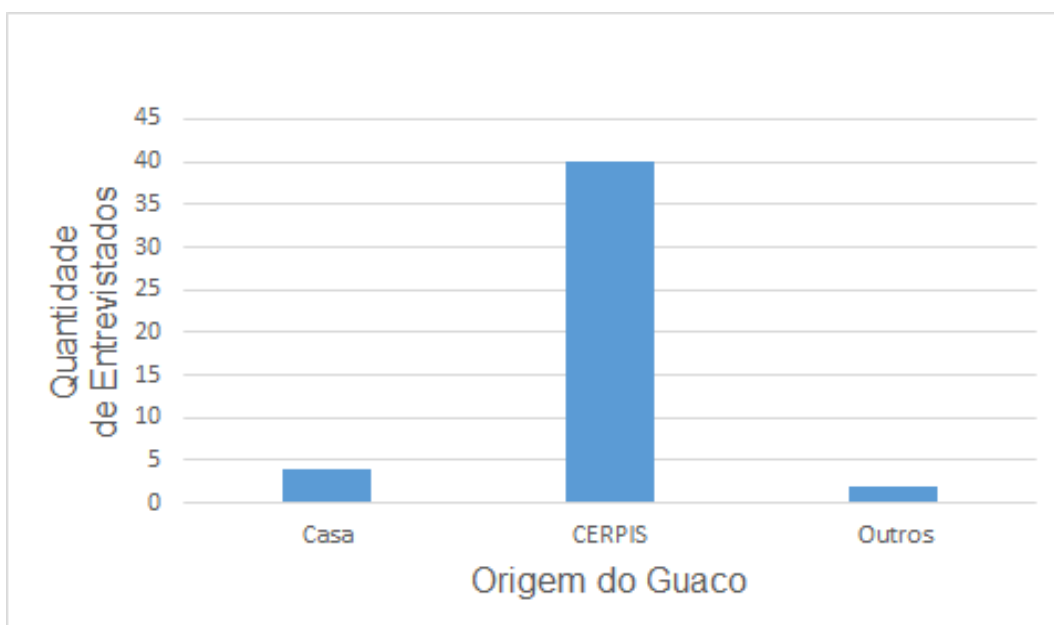


Figura 15. Origem do Guaco.

Em relação ao modo de preparo das plantas medicinais há diversas maneiras, há aquelas que são ingeridas, chamadas de uso interno, como chás (por infusão ou decocção), xarope e maceração. Há também as de uso externo. Em relação ao preparo do guaco, 42% faz uso do xarope e 19% prepara o chá (Figura 16). O restante faz o preparo de ambos, ou não prepara.

O grande índice da utilização de xarope está relacionado com os sintomas mais presentes entre os entrevistados, um deles é a tosse, e para tratar a tosse com muco, os xaropes expectorantes podem ser utilizados, como é o caso do xarope de guaco. O xarope irrita a mucosa, que estimula as glândulas do aparelho respiratório a produzirem ainda mais catarro. Essa grande quantidade da substância facilita a condução pelas células ciliares e pela tosse em direção à garganta. Em seguida, elimina-se o muco. A tosse acaba diminuindo e para quando não houver mais catarro. Além disso, os xaropes tem fácil aceitação das crianças devido à planta ter um aroma e sabor agradáveis (AMARAL et al., 2009).

Um ponto interessante é que entre os 5 homens entrevistados, nenhum faz o preparo do guaco, responsabilidade que acaba ficando para as mulheres. Normalmente, as mulheres são consideradas de encargo pelas atividades domésticas/trabalho doméstico, encargos impostos pela sociedade, que estão sofrendo cada vez mais mudança. No contexto rural brasileiro existe diferenças no trabalho por gênero, bem definida e complementar, que deve ser analisada. O trabalho doméstico se caracteriza geralmente pelas tarefas propriamente do

lar, realizadas dentro do espaço físico da moradia, e atividades próximas a casa, como o cuidado com pequenos animais, horta, canteiros de plantas medicinais, além de que, em alguns casos também desempenharem atividades domésticas em outras residências (GUERRO & SILVA, 2004).

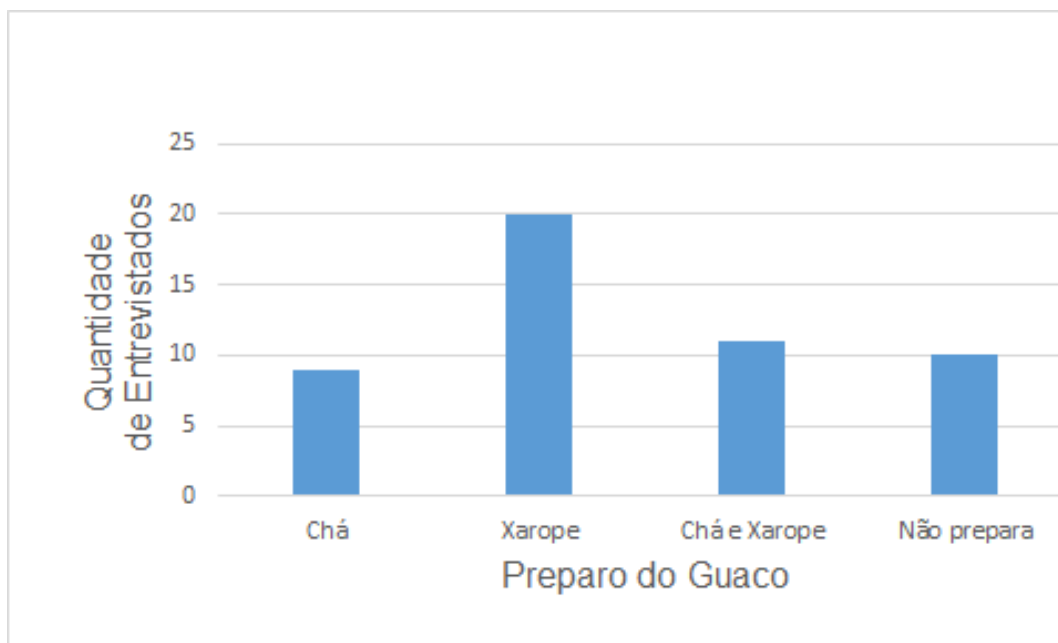


Figura 16. Preparo do guaco.

Aproximadamente 82% dos entrevistados não usam o preparado caseiro do guaco com outros medicamento (Figura 17). Os outros 18% usam com: hidroclorotiazida, analgésicos, remédios para tireoide e hipertensão.

Devido a ocorrência de uma grande parte dos participantes ser idosa e possuir distintas comorbidades, a polifarmácia é bastante comum. Este termo tem como definição o uso paralelo de variados medicamentos pela mesma pessoa, podendo, em alguns casos, acarretar algumas interações medicamentosas (PATEL, 2003).

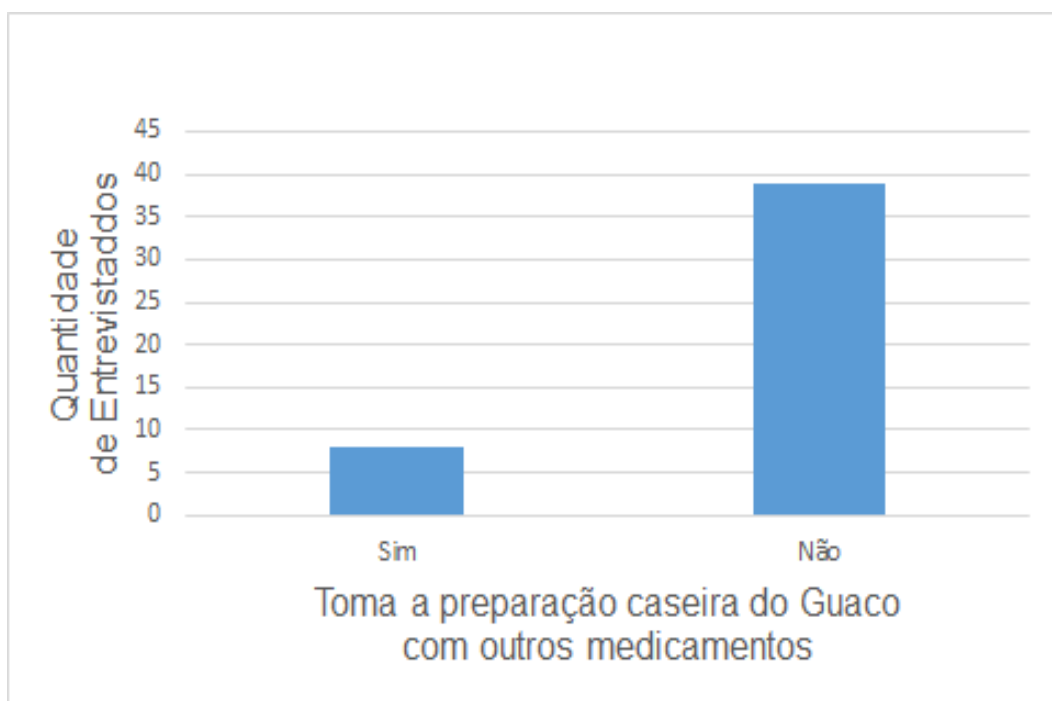


Figura 17. Ingestão do guaco com outros medicamentos.

Um pouco mais da metade dos entrevistados ingere a preparação caseira do guaco com outras plantas medicinais (Figura 18). As plantas medicinais utilizadas junto com a preparação caseira do Guaco pelos entrevistados são: Limão, hortelã, alfavaca, cebola, alho, assa peixe, erva cidreira, terramicina, poejo, salgueiro, cidreira, abacaxi, malva, carro santo.

A utilização de plantas medicinais não deve mais ser considerado apenas como cultura de povos ou tradição, mas como ciência que vem sendo construída a partir do estudo e aperfeiçoamento, além disso é utilizada por grande parte da população mundial, como terapia alternativa, a qual pode trazer diversos benefícios aos usuários (TOMAZZONI et al.,2006).

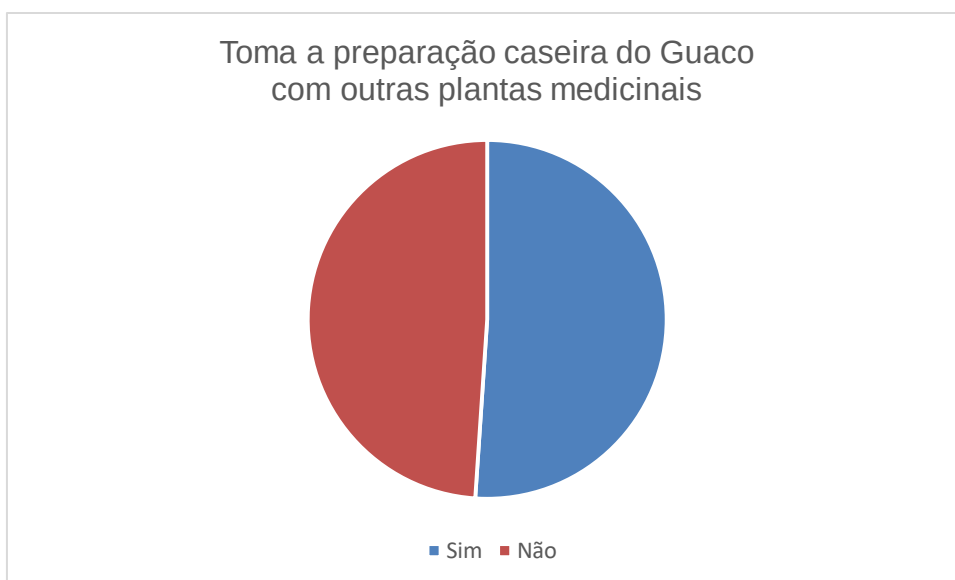


Figura 18. Ingestão do guaco com outras plantas medicinais.

Se tratando do tempo de utilização do guaco, 50% dos entrevistados utilizam há mais de 4 anos (Figura 19), valor que está diretamente relacionado com o tempo de participação no CERPIS, usuários que frequentam a mais de 4 anos, geralmente usam o guaco pelo mesmo período.

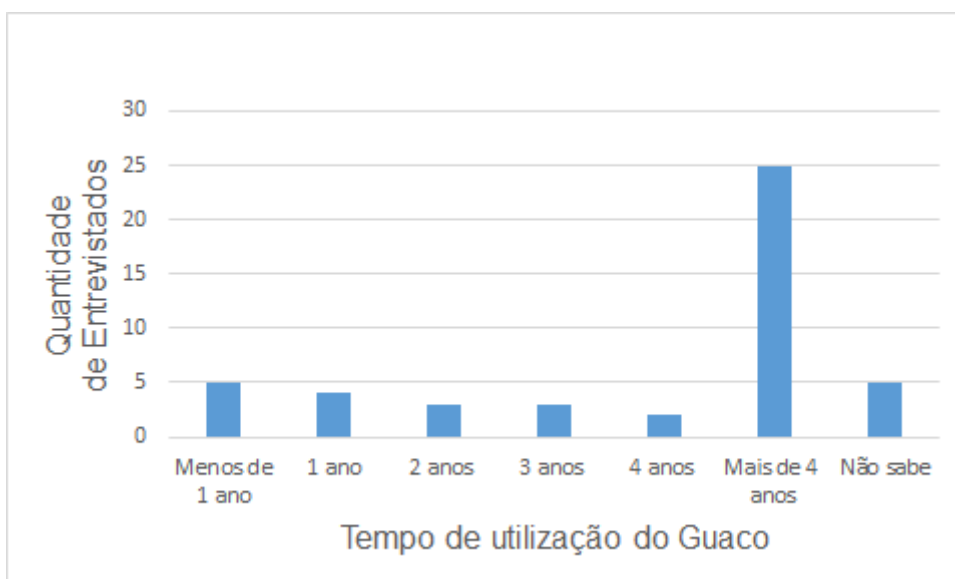


Figura 19. Tempo de utilização do guaco.

De acordo com os entrevistados, 70% ensina outra pessoa a fazer a preparação caseira do guaco (Figura 20). Interessante ressaltar, que quase todas as pessoas que preparam o remédio caseiro de guaco, transmitem o conhecimento para outros indivíduos. Muitos usuários do guaco que frequentam o CERPIS, adquiriram o conhecimento sobre plantas medicinais com seus ancestrais, e mantêm a tradição de transmitir esse saber para seus filhos e netos.

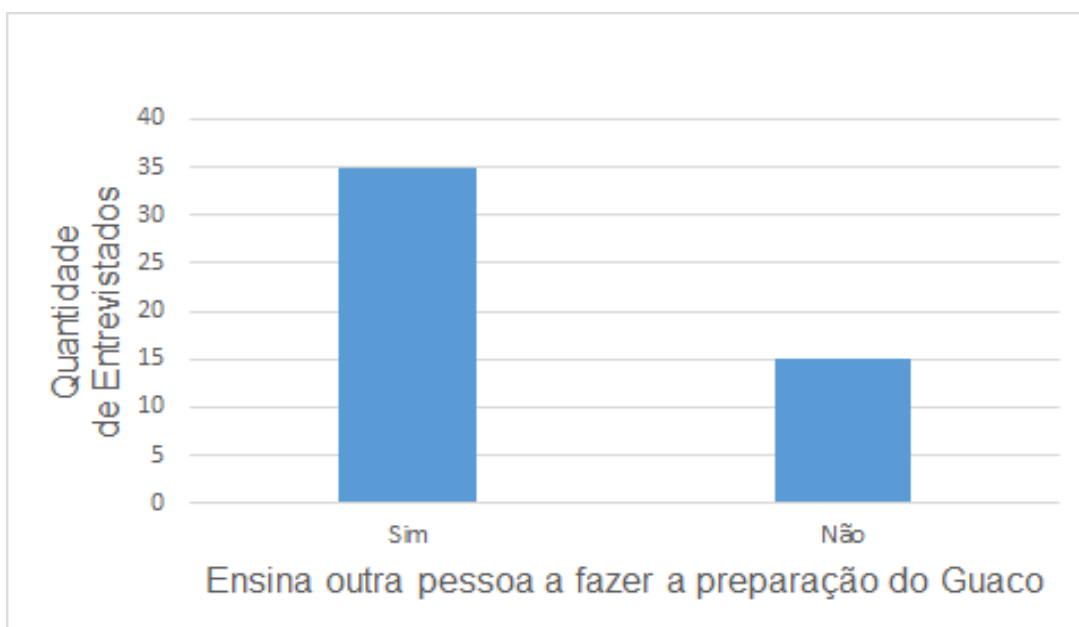


Figura 20. Transmissão do conhecimento sobre o preparo do guaco.

A quantidade de entrevistados que possui o guaco em casa é relativamente baixa (Figura 21). Das 12 pessoas que tem o guaco em casa, apenas 2 fornecem o mesmo para o CERPIS.

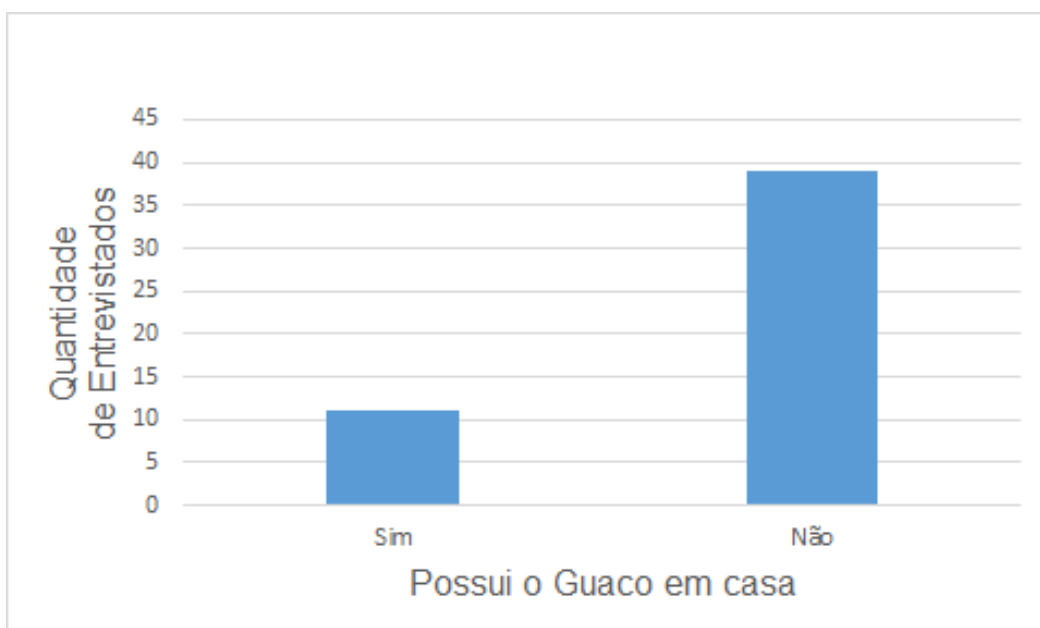


Figura 21. Quantidade de entrevistados que possuem o Guaco em casa.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou uma análise crítica e detalhada do uso popular e tradicional do guaco pela comunidade frequentadora do CERPIS-DF. A planta medicinal alvo do estudo mostrou-se de ampla aceitação e utilização pela população entrevistada, a qual, em sua grande maioria afirmou a alta eficácia do fitoterápico no tratamento clínico almejado. Evidenciou-se a preferência dos entrevistados por plantas medicinais, deixando os medicamentos industrializados como segunda opção. O serviço de orientação desenvolvido no CERPIS mostrou-se de suma importância na aquisição de conhecimento no que tange ao uso de plantas medicinais por parte da população entrevistada.

8. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U.; LUCENA, R.; ALENCAR, N. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: NUPEEA, 2008.

ALVEZ, L. Produção de Fitoterápicos no Brasil: História, Problemas Perspectivas. **Revista Virtual de Química**, Rio de Janeiro, V. 5, 2013. Disponível em: <rvq.sbq.org.br/imagebank/pdf/v5n3a08.pdf>. Acesso em: 07 abr, 2018.

AMARAL, M.; VIEIRA, F.; LEITE, M.; AMARAL, N.; PINHEIRO, L. Determinação do teor de cumarina no xarope de guaco armazenado em diferentes temperaturas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 19, n.2, p, 607-611, 2009.

AMOROZO, M.; GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paranaense Emílio Goeldi. Nova Série**, Belém, v. 4, n. 1, p. 57, 1988.

AMOROSO, M. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Laverges, MT. Brasil. **Acta Botânica**, Brasília, p. 4-13, 2002.

BIESKI, I. **Conhecimento etnofarmacobotânico de plantas medicinais utilizadas por comunidades tradicionais do Distrito Nossa Senhora Aparecida Chumbo**. 2010. 269 p. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde, Universidade Federal de Mato Grosso, 2010.

Braga, C. (2011). **Histórico da Utilização de Plantas Medicinais**. Brasília.

BRASIL. RESOLUÇÃO-RDC N°- 14 DE 31 DE MARÇO DE 2010. **Resoluções e Instruções Normativas da ANVISA**, 2014. Disponível em: <www.crfma.org.br/site/arquivos/legislacao/resolucoeseeinstrucoesnormativasdaanvisa/RDC%2014%202010.pdf>. Acesso em: 10 abr, 2018.

BRASÍLIA, G. D. (27 de 07 de 2017). **Farmácia Viva produziu 25 mil fitoterápicos em 2016**. Fonte: Agência Brasília. Disponível em: <<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2016/12/27/farmacia-viva-produziu-25-mil-fitoterapicos-em-2016/>>. Acesso em: 20 de nov, 2017.

CERPIS. (2009). **Centro de Referência em Práticas Integrativas em Saúde (CERPIS)**.,IdeisSUS. Disponível em: <<http://www.ideiasus.fiocruz.br/portal/index.php/praticas-integrativas-e-complementares/1021-centro-de-referencia-em-praticas-integrativas-em-saude-cerpis>>. Acesso em 18 nov, 2017.

CHECHETTO, F. **Plantas medicinais e empoderamento de mulheres em busca de sustentabilidade: experiências transdisciplinares de resgate de conhecimento no sul do Brasil e norte da Espanha**. 2013. Tese de Doutorado apresentada na pós-Graduação em Agronomia (Horticultura), Faculdade de Ciências Agrônômicas, Botucatu: FEPAF,352 P.

CZELUSNIAK, K., BROCCO, A., PEREIRA, D., & FREITAS, G. Farmacobotânica, fitoquímica e farmacologia do Guaco: revisão considerando Mikania glomerata Sprengel e Mikania laevigata Schulyz Bip. ex Baker. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 14, n.2, 2012.

DEWICK, P. **Medicinal Natural Products: a biosynthetic approach**. 2.ed. London: West Sussex John Wiley & Sons, 2002. 507p.

DINAMIZADOS, C. (27 de 07 de 2017). **Regularização de produtos - Medicamentos**. Fonte: PORTAL ANVISA:. Disponível em: <<http://portal.anvisa.gov.br/documents/33836/351410/Consolidado+de+normas+da+COFID+%28Vers%C3%A3o+V%29/3ec7b534-a90f-49da-9c53-ce32c5c6e60d/>>. Acesso em: 20 de nov, 2017.

FIUZA, E. Uso de Plantas Medicinais e Medicamentos Fitoterápicos sobe 161%. **Portal Brasil**, 2016. Disponível em: <[www.brasil.gov.br/saude/2016/06/uso-de-](http://www.brasil.gov.br/saude/2016/06/uso-de-plantas-medicinais-e-medicamentos-fitoterapicos-sobe-161-porcento)>

plantas-medicinais-e-fitoterapicos-sobe-161>. Acesso em: 09 abr, 2018.

GASPAR, L. **Plantas medicinais**. Pesquisa Escolar Online, 2009. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 04 abr, 2018.

GASPARETTO, J.; CAMPOS, F.; BUDEL, J.; PONTAROLO, R. Mikania glomerata Spreng. e Mikania laevigata Sch. Bip. ex Baker, Asteraceae: estudos agronômicos, genéticos, morfoanatômicos, químicos, farmacológicos, toxicológicos e uso nos programas de fitoterapia do Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 20, n. 4, p. 627-640, 2010.

GUERRO, G. C.; SILVA, P. L., 2004. **Pantanal Norte: Dinâmica populacional e trabalho feminino**. IV JCEA - Campo Grande, MS, Brasil, 6 a 8 de outubro de 2004.

Guimarães, J. (2009). PROGRAMA FITOTERÁPICO FARMÁCIA VIVA NO SUS-BETIM. 05-20.

GOOGLE MAPS. 2018. **Centro de Referências em Práticas Integrativas em Saúde**. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Centro+De+Refer%C3%A2ncia+Em+Pr%C3%A1ticas+Integrativas+Em+Sa%C3%BAdes+-+CERPIS/@-15.624733,-47.6537002,761m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0x935a132434fd6e6f:0x76ecc4e0faa23e9!8m2!3d-15.624733!4d-47.6515115>>. Acesso em: 7 mai, 2018.

JORGE, S. S. **Plantas Medicinais: Coletânea de saberes**. Ebah, 2003. Disponível em: <www.ebah.com.br/content/ABAAhLmoAl/plantas-medicinais#>. Acesso em: 03 abr, 2018.

LEITE, P. (07 de 25 de 2016). R7. Fonte: MUNDO BOA FORMA. Disponível em: <<http://www.mundoboaforma.com.br/16-beneficios-do-cha-de-guaco-para-que-serve-e-dicas/>>. Acesso em: 21 de nov, 2017.

LORENZI, H.; MATOS, F. **Plantas Medicinais do Brasil, nativas e exóticas**, 2002. 1 ed. São Paulo: Plantarum.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2.ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008. 544p.

MARTINS, E.; OLIVEIRA, L. Conservação da Poaia (*Psychotria ipecacuanha* Standl.): I-Estratégias de localização de populações e etnobotânica. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 7, n. 1, p. 6-10, 2004.

MATSUSHITA, M.; CORRÊA JÚNIOR, C., SANTOS, A.; HOSOKAWA, R. Produção e comercialização do guaco (*Mikania laevigata* Schultz Bip. ex Baker) na região Sul do Estado do Paraná. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 17, n. 3, p. 351-359, 2015.

MIGUEL, M. D; MIGUEL, O. G. **Desenvolvimento de fitoterápicos**. São Paulo: Probe Editorial, 1999. 116p.

MORAIS, C. M. **Histórico de utilização de plantas medicinais**. 2011. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Curso de Licenciatura em Biologia, Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2011.

Moreti, D.L.C., Leandro, L.F., da Silva Moraes, T., Moreira, M.R., Sola Veneziani, R.C., Ambrosio, S.R., Figueiredo Almeida Gomes, B.P., Martins, C.H.G. **O extrato de Mikania glomerata Sprengel e sua principal atividade de exibição de ácido ent- ácido alcanenóico principal contra bactérias presentes em infecções endodônticas**, v.47, p.201-208, 2017.

MURILHO, J.; FARIA, S.; ROSADO, F. Efeitos Ddo Extratos de Guaco (*Mikania glomerata* S.) e Mil-Folhas (*Achillea millefolim*L.) Sobre o Crescimento de *Pleurotus ostreatus* “Florida” Em Cultura Submersa. **CESUMAR**, 2009.

Disponível em:
<periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/iccesumar/article/view/855/754>.

Acesso em: 15 abr, 2018.

PACIEVITCH, Y. Excel. **InfoEscola**, 2006. Disponível em: <www.infoescola.com/informatica/Excel/>. Acesso em: 8 de mai, 2018.

PINTO, V. MACIEL, M. **Plantas Medicinais: Cura Segura?** Scielo, 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/%0D/qn/v28n3/24145>. Acesso em: 03 abr, 2018.

PATEL, R.B. Polypharmacy and the elderly. **J Infus Nurs**, v. 26, n.3, p. 166-169, 2003.

PETERMANN, X. et al. Epidemiologia e cuidado à Diabetes Mellitus praticado na Atenção Primária à Saúde: uma revisão narrativa. **Saúde (Santa Maria)**, v. 41, n. 1, p. 49-56, 2015.

PROENÇA, A. C. **Aspectos históricos sobre plantas medicinais, seus constituintes activos e fitoterapia**. RetisFito, 2013. Disponível em: <www.retisfito.org.br/biomas/item/100-aspectos-historicos-sobre-plantas-medicinais-seus-constituientes-activos-e-fitoterapia>. Acesso em: 01 abr, 2018.

QUEIROZ, M. O paradigma meconista da medicina ocidental moderna: uma perspectiva ontropológica, 1986. **Revista de Saúde Pública** 20: 309-17.

RADÜNZ, L.; MELO, E.; ROCHA, R.; BARBOSA, F.; SANTOS, R.; BERBET, P. Avaliação das curvas de secagem de guaco (*Mikania glomerata* Spreng.) em secador de bandejas. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 16, n. 2, p. 378-387, 2014.

RENISUS - **Relação nacional de plantas medicinais de interesse ao SUS**. 2009. Ministério da Saúde. Disponível em: <<http://www.plantasmedicinaisfitoterapia.com/plantas-medicinais-do-sus/>>. Acesso em: 16 abr, 2018.

ROCHA, V.; SAN JUAN, B. A. The home visit as form of teaching in

primary health care in Cuba. **Atencion primaria**, v. 41, n. 9, p. 521-522, 2009.

SANTOS, S. **Caracterização cromatográfica de extratos medicinais de guaco: Mikania laevigata Schulyz Bip. ex Baker e M. glomerata Sprengel e ação de M. laevigata na inflamação alérgica pulmonar**. 2005. 93p.

Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) - Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí. DEWICK, P. Medicinal natural products: a biosynthetic approach. 2.ed. London: West Sussex John Wiley & Sons, 2002. 507p.

SANTOS, B & ROSITO, J. **USO DE PLANTAS MEDICINAIS COMO INSTRUMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO: RESPONSABILIDADE SOCIAL E AMBIENTAL** v. 7, n. 7, p. 1478 – 1491, MAR-JUN, 2012.

SANTOS, S. **Caracterização cromatográfica de extratos medicinais de guaco: Mikania laevigata Schulyz Bip. ex Baker e M. glomerata Sprengel e ação de M. laevigata na inflamação alérgica pulmonar**. 2005. 93p.

Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) - Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí.

SILVA JUNIOR, A.; RITTER, M.; ZAMBONIM, F.; DESCHAMPS, F.; TCACENCO, F.; BERTOLDI, F. Um novo ecótipo de Mikania glomerata 42 Spreng.(Asteraceae) rico em óleo essencial no sul do Brasil. 2015. **Revista Fitos Eletrônica**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 19-28, jun. 2015.

SILVA, M. (2014). **SECAGEM DE FOLHAS DE GUACO (Mikania laevigata SCHULTZ BIP. EX BAKER)**. 15-19.

TEIXEIRA, J. et al. **A Fitoterapia no Brasil: da Medicina Popular à regulamentação pelo Ministério da Saúde**. Uff, 2012. Disponível em: www.uff.br/proplamed/files/2012/04/A-Fitoterapia-no-Brasil-daMedicina-Popular-à-regulamentação-pelo-Ministério-da-Saúde.pdf>. Acesso em: 03 abr, 2018.

TOMAZZONI, M.; NEGRELLE, R.; CENTA, M. Fitoterapia popular: a busca

instrumental enquanto prática terapeuta. **Texto & Contexto Enfermagem**, v.15,n.1, p.115-21, 2006.

ZÉLIA, M. A. **Plantas Medicinais**: 3. Ed. Salvador: Editora UFBA, 2011.

9. ANEXO

9. 1 Questionário – Guaco

Ano de nascimento:

Sexo:

Grau de instrução:

☐ Ensino fundamental incompleto

☐ Ensino fundamental completo

☐ Ensino médio incompleto

☐ Ensino médio completo

☐ Ensino superior incompleto

☐ Ensino superior completo

Você frequenta o CERPIS a quanto tempo? ☐ menos de 1 ano ☐ 1 ano

☐ 2 anos ☐ 3 anos ☐ 4 anos ☐ mais de 4 anos

Você sabe o que é o Guaco? ☐ sim ☐ não

Se sim, como adquiriu o conhecimento sobre o Guaco?

☐ com os familiares

☐ escola/ faculdade

☐ no próprio CERPIS

☐ outro: _____

Você sabe para que serve o Guaco? ☐ sim ☐ não

Você usa o Guaco? ☐ sim ☐ não

Se sim, usa para que? _____

O Guaco que você usa tem efeito positivo?

☐ Sempre ☐ Muitas vezes ☐ Poucas vezes ☐ Nunca

Há quanto tempo você adquire o Guaco no CERPIS?

☐ menos de 1 ano ☐ 1 ano ☐ 2 anos ☐ 3 anos ☐ 4 anos ☐ mais de 4

anos

Você fornece Guaco para o CERPIS? () sim () não

Qual a origem do seu Guaco? _____

Como você prepara o remédio caseiro de Guaco?

Você toma a preparação caseiras de Guaco com outros medicamentos? Quais?

Você toma a preparação caseiras de Guaco com outras plantas medicinais? Quais?

Por quanto tempo você toma a preparação caseiras de Guaco?

Você ensina outras pessoas a fazer preparações caseiras de Guaco?

Você possui guaco em casa?

() Sim () Não

Você mora em Planaltina/ DF?

() Sim

Em qual setor? _____

() Não

Em qual cidade? _____

